**AVALIAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

SUELI JUNGES[[1]](#footnote-1)

MARIA PREIS WELTER[[2]](#footnote-2)

**RESUMO:** O presente artigo tem como principal objetivo compreender o processo avaliativo e seus desafios e possibilidades, que precisam ser entendidas como um recurso em benefício da aprendizagem, trazendo também a perspectiva da autora Jussara Hoffmann acerca desse tema de fundamental importância no processo educativo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com diversos autores que dialogam sobre o assunto em questão. A avaliação precisa ser entendida como um processo que ocorre de forma contínua, servindo como uma base para a mediação do processo ensino aprendizagem.

**Palavras chave:** Avaliação; Mediação; Processo.

**ABSTRACT:** This article aims to understand the evaluation process and its challenges and possibilities, which need to be understood as a resource for learning, and also bringing the perspective of author Jussara Hoffmann on this topic of fundamental importance in the educational process. It is a bibliographic research with several authors address the subject in question. The evaluation needs to be understood as a continually occurring process, serving as a basis for mediating the teaching-learning process.

**Keywords:** Evaluation; Mediation; Process.

**1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo trata da avalição no processo educativo e como questão norteadora pesquisar quais os desafios e as possibilidades da avaliação. Além disso, busca refletir sobre a avaliação como um recurso de aprendizagem e analisar, baseado em Jussara Hoffmann, o que ela trás enquanto proposta de avaliação e suas considerações.

A escolha do tema proposto surgiu de diálogos e discussões em torno do tema avaliação, que se mostra amplo e subjetivo. A decisão por pesquisar a avalição surgiu de experiência pessoal, despertada a partir do contato com a teoria de Jussara Hoffmann e mostra-se como um caminho de possibilidades que enriquecem a qualificação do profissional da educação.

A avaliação é inerente ao processo educacional, não podendo ser dissociada ou fragmentada. O estudo desse tema tem grande relevância, tanto no âmbito educacional, onde ela ocorre e estão inseridos os envolvidos, avaliadores e avaliados, quanto para a sociedade em geral, como forma de elucidar o funcionamento da avaliação, junto com sua importância esclarecendo os pontos a serem avaliados, bem como seus resultados. Trata-se de um tema polêmico e que não se encontra esgotado, gerando dúvidas na prática cotidiana do professor.

**2 ENTENDENDO A AVALIAÇÃO E SUAS POSSIBILIDADES**

A avaliação precisa ser entendida como um instrumento que auxilia no processo ensino aprendizagem, não sendo realizada como um processo isolado para classificar os alunos de acordo com seu desempenho, mas que aconteça de forma contínua dando suporte para o professor na medida em que investiga potencialidades e fragilidades que podem ser trabalhadas e, servindo como fonte de aprendizado para os estudantes.

Segundo Esteban (2003), muitas vezes a avaliação acontece como um processo isolado do processo de ensino aprendizado, tendo como objetivo classificar as respostas dos alunos privilegiando os acertos e condenando os erros, seguindo um padrão idealizador. Depresbiteris (1991) escreve que o professor necessita verificar o tipo de erro cometido pelo aluno observando sua aprendizagem para compreender seu motivo e origem, para juntos fazerem uma correção sem punir o aluno por sua falha, desestimulando-o.

Hoffmann (2010) ressalta que muitos professores compreendem a ação e a avaliação como processos diferentes e separados, trabalhando durante determinado tempo (bimestre, trimestre), e ao final desse período avaliam seu rendimento através de conceitos, notas ou pareceres. A avaliação torna-se assim apenas uma forma de avaliar resultados, sem levar em conta a necessidade de uma análise dessas informações. “A avaliação é essencial à educação. Inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação” (HOFFMANN, 2010, p.15).

Nesse sentido, Luckesi (2010) vem ao encontro ao defender a necessidade de um novo olhar que leve em consideração a interligação do processo educativo:

No que se refere ao ensino e à aprendizagem, a avaliação tem sido executada como se existisse independente do projeto pedagógico e do processo de ensino e, por isso, tem-se destinado exclusivamente a uma atribuição de notas e conceitos aos alunos. Não cumprindo a sua verdadeira função de mecanismo a serviço da construção do melhor resultado possível, uma vez que tem sido usada de forma classificatória e não diagnóstica (LUCKESI, 2010, p.150).

A avaliação, quando utilizada com objetivo classificatório, não valoriza as características particulares das crianças, por ficar limitada a uma linha previamente criada pelo professor referente ao que ele espera do estudante. Dessa maneira, não deixando margem para novas situações que podem aparecer e formas diferentes de se construir um conhecimento (HOFFMANN, 2010).

Conforme a autora (2010), no processo avaliativo o professor precisa levar em conta todo o processo de construção e evolução do estudante. A simples classificação em notas ou conceitos em muitos casos não representa verdadeiramente o nível de aprendizado ou o potencial que o estudante desenvolveu.

Dessa forma, segundo Esteban (2003), é através da avaliação que o professor vai reconhecer aquilo que o estudante já sabe e o que ainda não sabe, além do ele espera que os estudantes venham a saber e planejar suas ações de forma a buscar alcançar o resultado esperado. A avaliação também se torna fundamental na investigação e diagnóstico de estudantes que apresentam sinais de que estão passando por alguma dificuldade em seu processo de aprendizagem. Assim, o professor poderá agir de forma a atender as especificidades de cada um.

O processo avaliativo não se completa ao se descobrir quais as potencialidades e fragilidades do estudante, e se estão ou não alcançando um bom rendimento escolar. É importante uma investigação das causas que estão promovendo esses resultados, e o que pode ser melhorado nesse processo, contribuindo para a evolução do estudante.

Segundo Sousa (1991), a principal função da avaliação deveria ser a percepção do nível em que o estudante se encontra em relação aos objetivos que se pretende alcançar e os motivos que o fazem alcançá-los ou não. Também buscar estratégias com intenção de que todos atinjam as metas esperadas e a avaliação não se torne uma forma de limitação.

Hoffmann (1996, p.9) argumenta que “a prática avaliativa [...] surge como um elemento de controle sobre a escola e sobre as professoras que se vêem com a tarefa de formalizar e comprovar o trabalho realizado via avaliação das crianças”. Segundo a autora, o professor precisa assumir seu compromisso no papel avaliativo, não conferindo aos estudantes apenas notas para classificar seu desempenho, mas reavaliando seu trabalho pedagógico a partir das exigências observadas.

Para Hoffmann (1996, p.28) o processo de avaliação ocorre já na Educação Infantil, através de pareceres, muitos dos quais considerados a partir de trabalhos encaminhados pelo professor para desenvolver as áreas afetivas, cognitivas e psicomotoras de formas distintas, não levando em consideração a importância de trabalhá-los de maneira relacionada, por tratarem de fatores indissociáveis para seu desenvolvimento. “Os registros de avaliação deverão resguardar a singularidade da história de cada criança e do acompanhamento dessa história construída a partir de suas vivências no grupo”. Ao professor cabe mediar um espaço que oportunize às crianças a experimentação, a curiosidade e o desafio, respeitando as capacidades individuais de cada uma, estimulando a construção autônoma de novos conhecimentos.

A avaliação necessita ser pensada com antecedência e com um propósito estabelecido. Depresbiteris (1991) classifica a avaliação como sendo: Diagnóstica, quando tem por finalidade descobrir as dificuldades do estudante, e encontrar meios para que ele possa superar essas dificuldades e avançar em sua aprendizagem, e Formativa quando usada como “um meio de indicar que objetivos o aluno alcançou e os que deixou de alcançar” (DEPRESBITERIS, 1991, p.66). Levando em conta as dimensões afetivas, cognitivas e sociais dos estudantes, primeiro são colhidas as informações para análise e reconhecimento de quais objetivos foram alcançados e, para os que não foram atingidos, descobrir formas de orientação para que o estudante possa reconstruir seu aprendizado de forma mais adequada.

Lüdke e Mediano (1997), entendem que parece haver um consenso geral ao se afirmar que é preciso avaliar todos os aspectos da criança, em tempo integral e não apenas ao final do processo, atentando-se a cada progresso, ultrapassando os aspectos técnicos. A preocupação em atingir os objetivos esperados ao final do ano letivo acaba pressionando a ação educativa e a avaliação se concentra em verificar se o nível de aprendizagem do estudante é condizente com o que se espera.

A avaliação precisa estar vinculada com uma análise que vise melhorar o processo de aprendizagem. Para isso, primeiro o professor precisa ter claro quais são seus objetivos ao avaliar, se ele busca apenas medir o conhecimento dos estudantes ou pretende por meio dela melhorar seu trabalho, aprimorando o currículo, metodologias e práticas docentes, de forma a melhorar o processo ensino aprendizagem. Parcerisa (2003, p.11) salienta que “Trata-se de uma concepção da avaliação como um processo constituído por três fases: coleta de informação, análise e tomada de decisões”.

Dessa forma, é preciso considerar a amplitude do processo avaliativo que não tem um fim em si próprio. Jorba e Sanmartí (2003) atestam que quando a avaliação é usada apenas como forma de classificar os estudantes, tem por objetivo mostrar aos pais e aos estudantes seu conhecimento e rendimento. Já quando ela é pensada como uma ferramenta pedagógica torna-se muito útil para melhorar a qualidade do ensino.

A avaliação necessita ser entendida como um processo integrado a ação educacional, ocorrendo antes, durante e após o ensino. Quando feita antes do início das atividades elas podem ser: prognósticas, referindo-se a situação da turma como um todo, como forma de investigar as melhores metodologias a serem utilizadas, ou podem ser diagnósticas, ao se reportar a um estudante específico, para identificar suas dificuldades, possibilitando ao professor buscar maneiras de atender as necessidades desse, e para que ele também possa aprender.

A avaliação durante o processo tem por finalidade ajustar o percurso conforme o professor verificar ser necessário. “Se um estudante não aprende, não é apenas porque não estuda ou não possui capacidades mínimas: a causa pode estar nas atividades que lhe são propostas” (JORBA; SANMARTÍ, 2003, p.30). Através de erros cometidos pelos estudantes, o professor pode investigar suas origens e motivos. Podendo então, caso necessário, rever sua metodologia. Esse tipo de avaliação também é importante para salientar os acertos e potencialidades da turma, reforçando essas características.

Méndez (2002, p.17) destaca que:

Se fazemos da avaliação um processo contínuo, não há razão para o fracasso, pois sempre chegaremos a tempo de agir e interagir inteligentemente no momento oportuno, quando o sujeito necessita de nossa orientação e de nossa ajuda para evitar que qualquer falha detectada torne-se definitiva.

Segundo Hoffmann (2003) é preciso ter consciência de que os estudantes se constroem a partir do meio social em que vivem e de suas interações, se tornando dependentes de condições que lhe são oportunizadas para se desenvolver, cada vez de forma mais complexa. O método avaliativo utilizado precisa atender a essa heterogeneidade, respeitando as diferenças individuais, não se restringindo a padrões uniformes e exatos que não permitem aberturas para outras formas de leitura e interpretação de conceitos.

A autora (2003), ainda salienta que a prática da avaliação, tal como hoje costumeiramente é realizada, estanca o conhecimento. Mesmo que o professor trabalhe seguindo uma linha baseada na mediação, “A prática tradicional coloca um ponto final a cada tarefa que o aluno faz. [...] O professor, assim, anula o caráter de continuidade de sua própria ação educativa e impede ao aluno o progresso natural em termos de processo de conhecimento” (HOFFMANN, 2003, p.66).

Também Luckesi (2010) defende que a avaliação precisa ser entendida como um instrumento auxiliador e facilitador do processo educacional. “O planejamento define os resultados e os meios a serem atingidos; a execução constrói resultados; e a avaliação serve de instrumento de verificação dos resultados planejados que estão sendo obtidos [...]” (LUCKESI, 2010, p. 149-150). Durante o planejamento, o professor escolhe o que e como vai trabalhar. Nessa perspectiva, a avaliação serve como uma critica construtiva sobre o que se pretende trabalhar, de que forma e quais os objetivos esperados. Além dos percalços que podem ocorrer, contribuindo na busca de meios alterativos de reformular propostas para superar as dificuldades encontradas.

Para o autor (2010), a avaliação se torna um ato de amor quando feito de forma acolhedora, integrativa e inclusiva. Quando seu objetivo é o diagnóstico, através dela se percebe quando um estudante está com dificuldade, possibilitando ao professor redirecioná-lo o auxiliando a encontrar a melhor forma de ampliar sua aprendizagem, incluindo-o. Dessa forma está se agindo através de um ato de amor, garantindo a todos a busca pelos melhores resultados no processo de ensino aprendizagem.

A avaliação precisa ser aplicada como forma de melhorar o desempenho, ocorrendo de forma contínua e participativa. Desta forma, oportuniza-se conhecimento e desenvolvimento, possibilitando ao professor interferir quando for necessário, bem como reconstruir o caminho da aprendizagem, ou seja, através da avaliação do processo analisar os progressos e os percalços encontrados que servirão como oportunidade de criar estratégias para superar os obstáculos, buscando o crescimento e aprendizado de todos os estudantes. Neste sentido, a avaliação deixa de ser vista como a pior parte do processo educativo.

**3 AVALIAÇÃO: UM RECURSO DA APRENDIZAGEM**

Ao se buscar qualquer forma de conhecimento, o objetivo sempre permeia uma melhora, evolução, desenvolvimento. Dessa forma, Hoffmann (2014, p. 20), defende que “destina-se a avaliação mediadora a conhecer, não apenas para compreender, mas para promover ações em benefício aos educandos, às escolas, às universidades”. Quando a avaliação ocorre de forma mediadora e passa a ser entendido como um recurso da aprendizagem, ela traz benefícios que perpassam a sala de aula, envolvendo toda a instituição de ensino, contribuindo para seu avanço.

A ação de avaliar sempre remete ao ato de refletir sobre o momento em que se está inserido. Conforme Morin (2000), apenas explicar a situação não é suficiente, é preciso compreendê-la para agir de forma correta. Nesse sentido, Hoffmann vem de encontro ao defender que:

A finalidade primeira da avaliação é sempre promover a melhoria da realidade educacional e não descrevê-la ou classifica-la. Estudos avaliativos destinam-se a construir o futuro e não a descrever ou explicar o presente: o que se deve fazer para auxiliar o aluno a progredir em sua aprendizagem, em seus relacionamentos e atitudes? Que programas ou projetos serão desenvolvidos para resolver os problemas observados em determinada região, escolas, universidades? (HOFFMANN, 2014, p. 33).

Portanto, a avaliação mediadora atua de forma a sugerir novos caminhos, que levem à reformulação de ações com o propósito de acrescentar e melhorar a realidade escolar, tanto para solucionar fragilidades encontradas como para estimular ainda mais os pontos positivos que vem surtindo bons resultados.

Muitos professores se preocupam em demasia apenas passando grande quantidade de conteúdo aos estudantes. Acreditando que assim eles vão aprender mais. Nessa perspectiva, sobra pouco tempo para que ocorra uma avaliação constante e mediadora.

Méndez (2015) trás um texto que se refere a um aluno pedindo a seu professor que o avalie, enaltecendo a importância da avaliação no processo de aprendizagem.

Me avalie, professor, porque não quero cometer erros injustificáveis.

Me avalie, professor, porque quero sair de meu não saber, de minha ignorância, da pobre imagem que tenho de mim mesmo.

Me avalie, professor, porque eu também quero ser professor dos outros nessa tarefa de aprender, de poder compartilhar e desfrutar os progressos da ciência e da cultura, que nos identificam como seres de relação.

Me avalie, professor, porque ao fazê-lo o senhor garante minha aprendizagem, porque a avaliação de fato é aprendizagem.

Me avalie, professor, porque ao fazê-lo nós dois podemos crescer juntos (MÉNDEZ, 2015, p. 141).

A avaliação é imprescindível. Quando ocorre como uma forma de acompanhamento constante, auxilia a garantir a qualidade da formação. “Sem avalição não há aprendizagem. Somente mediante a avaliação, que é reflexão, a aprendizagem adquire sentido. Pela avaliação, a informação é reunida, qualquer que seja o recurso, passa a ser compreensível, torna-se transparente, matéria de aprendizagem” (MÉNDEZ, 2015, p.142). Quando não ocorre essa avaliação, como forma de reflexão, o que acontece é a memorização de conteúdos que serão cobrados em exames e depois provavelmente esquecidos por não serem significativos para o estudante.

O estudante não aprende somente de uma forma. O conhecimento pode ser construído a partir de diálogos, debates, pesquisa, estudo etc. Da mesma forma, a avaliação não precisa ocorrer de forma única. “O segredo da boa avaliação estará no uso que se faça dela. Nesse sentido, o exame, em qualquer uma de suas modalidades, também pode servir para esse propósito; mas não se pode ficar só nele. A avaliação vai bem mais além” (MÉNDEZ, 2015, p.150).

Ainda há muito para se repensar na prática da avaliação e seus objetivos. O primeiro passo é deixar de usá-la como um método classificatório. Isso significa tirá-la de sua função principal, quando realizada pautada em objetivos, “ajuda os alunos a aprender mais e melhor (com mais sentido, de um modo reflexivo e compreensivo [...]) a boa avaliação ajuda os professores a ensinar melhor [...], porque ela é aprendizagem. Com a avaliação sempre deveríamos aprender” (MÉNDEZ, 2015, p.151).

Por isso é preciso avaliar mais, é por meio dela que se percebem as ações que estão gerando bons resultados e promovendo aprendizagem e entender os empecilhos que não estão permitindo aos estudantes construir conhecimento e auxiliá-lo a superar suas dificuldades e progredir.

O modelo de escola tradicional, que ainda é seguida em diversas questões, quando não em sua totalidade em alguns casos, vem sofrendo algumas alterações na atualidade, e um dos quesitos que vem sendo reformulados é a forma de avaliação. Segundo Berwanger (2011, p.41), a avaliação por muito tempo foi confundida com o exame “julgada diariamente por um ato de disciplinamento e espaço rápido de expor ao professor os conhecimentos construídos na disciplina”.

A visão ultrapassada de uma sala de aula onde somente um ensina e os demais aprendem vem sendo descontruída e a concepção de que a avaliação precisa ser entendida como um processo, diferente do exame, que se caracteriza por apenas um ato, vem sendo disseminada e bem aceita. “O exame surge como instrumento de controle social e, então, mais tarde, infiltra nas escolas. É pontual, classificatório e seletivo, enquanto a avaliação é dinâmica e inclusiva” (BERWANGER, 2011, p.42). Dessa forma, percebe-se que um grande avanço em relação ao modelo de ensino tradicional, é a concepção de uma avaliação que aconteça de forma constante e que leve em conta a bagagem cultural e pessoal construída e carregada pelos estudantes. Levando em conta suas especificidades e diferentes maneiras de construir aprendizado.

O ato de avaliar era visto como uma maneira de controle, conforme Méndez (2015, p.147) por muito tempo a avaliação era tida como “um instrumento de controle ‘eficaz’, embora não saibamos muito bem para que nem quem são os beneficiados por tanto empenho. Por isso nos interessa refletir, dessa vez, sobre o que se avalia, para quê e, sobretudo, para quem”. Os estudantes eram classificados a partir de seu desempenho, perante formas de avaliação, baseados em testes e questionários que serviam para medir seu aproveitamento e desenvolvimento baseado em objetivos criados pelos professores.

A avaliação, ao ser entendida como um processo “busca rever metas, estratégias e analisar resultados na busca de um melhor empenho docente e descente, e não apenas como um fim quantitativo” (BERWANGER, 2011, p.42). Levando a um dinamismo das ações de planejar, aplicar e avaliar. Diferente da avaliação como forma de apenas obter resultados finais e que tem um fim em sua própria ação.

Nesse sentido, a avaliação, quando realizada de forma inerente e contínua ao processo educacional, vem a complementar, levando em consideração não apenas os pontos quantitativos. Que antes vinham sendo obtidos a partir de notas e conceitos classificatórios, mas de forma qualitativa, onde todo o esforço e avanço pessoal do estudante servem de subsídio para analisar seu crescimento.

**4 ANALISANDO A AVALIAÇÃO SEGUNDO O OLHAR DE JUSSARA HOFFMANN**

Ainda se encontra muito enraizada a concepção de uma avaliação burocrática e de caráter seletivo nas instituições de ensino de todo o país. Há uma grande divergência entre o que se espera da avaliação e o que ocorre em sua efetiva prática. Segundo Hoffmann (2014, p. 21-22), “a maioria dos regimentos escolares é introduzida por textos que enunciam objetivos ou propósitos de uma avaliação contínua, mas estabelecem normas classificatórias e somativas que revelam, isso sim, a manutenção das práticas tradicionais”.

Quando a avaliação ocorre de forma mediadora “essencialmente, a subsidiar o professor e a escola no sentido da melhor compreensão dos limites e possibilidades dos alunos e de ações subsequentes para favorecer o seu desenvolvimento” (HOFFMANN, 2014, p. 22). Ela auxilia tanto docentes como discentes, por proporcionar embasamento sólido para uma reflexão de pontos a serem reforçados ou reformulados.

A avaliação, quando realizada com cunho somativo, chega tarde para auxiliar na aprendizagem. Quando realizada dessa forma, só ocorre ao final de um período para obter resultados finais, encerrando um ciclo. Sem a preocupação de entender os motivos que levaram aos estudantes apresentarem esses índices. Hoffmann (2014, p. 23) salienta que

Uma prática avaliativa direcionada ao futuro não tem por objetivo reunir informações para justificar ou explicar uma etapa de aprendizagem, mas visa acompanhar com atenção todas as etapas vividas pelo estudante para ajustar, no decorrer do processo, as estratégias pedagógicas. Tem por objetivo, portanto, o encaminhamento de alternativas de solução e melhoria.

A concepção de avaliação parece ter conotações diferentes para os envolvidos nesse processo. Para Hoffmann (2015, p.13), “refere-se a um conjunto de procedimentos didáticos que se estendem por um longo tempo e em vários espaços escolares, de caráter processual e visando, sempre, à melhoria do objeto avaliado”. O objetivo principal da avaliação sempre deve permear a aprendizagem, levando em consideração todo o processo de desenvolvimento dos estudantes de forma reflexiva e sensível.

As práticas tradicionais de ensino privilegiam uma igualdade, que não é sinônimo de equidade. Conforme Hoffmann (2014), muitos quesitos são realizados de formas iguais para todos os alunos com a justificativa de controlar e conduzir atividades iguais para todos os estudantes, para que todos possam aprender de forma semelhante. Até as avaliações seguem um cronograma padronizado.

Isso vai tornando toda a ação educativa em uma rotina que acaba acomodando professores e alunos, que apenas seguem um planejamento invariável. Essa forma de estruturação não contempla, em nenhum momento, as variáveis que surgem e as individualidades na forma de construir conhecimento e interpretações. Sem abrir espaço para que cada estudante cresça em seu próprio ritmo.

Dessa forma, não acontece um acompanhamento contínuo das atividades analisando pontos a serem melhorados. Apenas é feita a recolha dos resultados finais através de testes padronizados. E de acordo com Hoffmann (2014, p. 68), “Sem dúvida, uma prática avaliativa classificatória e eliminatória na escola pública continua sendo uma das maiores responsáveis, no país, pela exclusão social e manutenção das desigualdades sociais”.

Antes de realizar a avaliação, é preciso delinear os objetivos pretendidos com ela. Alguns estudantes apresentam resultados baixos em seu processo escolar por, apesar de irem bem em testes de conhecimento, não alcançam bons resultados no quesito comportamento. Que também é avaliado pelos professores. De Forma subjetiva e baseada em suas próprias concepções. Essa disparidade é então muitas vezes justificada por caber aos professores a competência de passar conhecimento aos estudantes, estando a responsabilidade de educar fadada aos pais e família (HOFFMANN, 2014). Nesses casos, não se tem como objetivo, ao avaliar o comportamento apresentado pelos estudantes em sala de aula, as suas motivações ou formas de modificar essas manifestações. Ao professor, cabe apenas sentenciar a nota.

Quando a avaliação é realizada no sentido de promover a aprendizagem e auxiliar o aluno, o professor precisa reestruturar suas formas de avaliação. Além de ampliá-las, precisa considerar além do que apenas a resposta dada pelo estudante. É preciso observar seu crescimento, superação de obstáculos e novas capacidades que desenvolveu. O professor deve fazer isso

Em primeiro lugar, para poder conhecer e respeitar indivíduos e grupos na sua maneira de aprender e conviver, ajudando-os a prosseguir de acordo com seus ritmos e interesses, em segundo lugar, para poder planejar os próximos passos, ajustando o roteiro, refletindo sobre melhores caminhos para o conhecimento (HOFFMANN, 2014, p. 70).

Os alunos são avaliados antes mesmo de entrarem em sala de aula. Baseado principalmente na idade e no que se espera que os estudantes já desenvolvam nessa faixa etária, o professor já tem planejado suas propostas de ação. Mas é importante agir de maneira mediadora, e permanecer sempre atento e aberto a mudanças que podem se mostrar necessárias durante o percurso. E segundo Hoffmann (2008, p.102) “Mediação é interpretação, diálogo, interlocução. Para que o papel mediador do professor se efetive é essencial a sua tomada de consciência de que o ato de avaliar é essencialmente interpretativo”. Por isso é preciso ter um olhar sensível ao avaliar e ter objetivos traçados ao realizá-la.

Para que ocorra uma prática avaliativa mediadora, o aluno não pode atuar apenas como um receptor de informações de forma passiva. Hoffmann (2014) destaca a importância de instigar os alunos a se tornarem construtores do próprio conhecimento. Sugerir atividades, sem delimitar, questionar e suscitar novas hipóteses, levando o estudante a querer buscar mais, promovendo a autonomia.

A avaliação decore das mais variadas formas de expressão dos estudantes. Na Educação Infantil, principalmente por meio da observação, e nas demais etapas, pode ocorrer de diversas formas. Hoffmann (2014) sugere que se façam mais atividades avaliativas, como elaboração de textos, questionários e exercícios que com o tempo podem se tornar atividades naturais e costumeiras na sala de aula e que fornecem ao processor a oportunidade de acompanhar mais de perto sua evolução.

O professor também pode analisar as atividades realizadas pelos estudantes com outro professor, em outro componente curricular por exemplo. Para averiguar que estratégias ele utiliza para resolução de problemas e analisar como ele se expressa naquele momento, visto que a aprendizagem não ocorre de forma fragmentada, mas de forma relacionada a outras questões já desenvolvidas, de maneira interdisciplinar.

Acompanhar continuamente todos os estudantes de uma turma, ou das várias turmas que um mesmo professor atua não é tarefa fácil. Por isso se torna tão importante a realização de registros e anotações, que de acordo com Hoffmann (2014, p.133) “são dados de uma história vivida por educadores com os educandos. Ao acompanhar vários alunos, em diferentes momentos de aprendizagem, é preciso registrar o que se observa de significativo como um recurso de memória”. Esses apontamentos devem embasar a continuidade da ação do professor.

Avaliar seguindo o princípio de aferir apenas notas para os instrumentos avaliativos, não permite que o processor possa fazer uma análise de que pontos eles melhorou ou onde estão suas dificuldades. Por isso a prevalência em se optar por dados qualitativos aos quantitativos. É por esse caminho que se consolida a “constituição de uma escola que vise a promover e não a selecionar; da formação de um educador comprometido com as aprendizagens individuais em seu sentido construtivo e evolutivo” (HOFFMANN, 2014, p.134).

Uma escola em que a avaliação ocorra em benefício dos educandos, contribuindo para seu desenvolvimento, na medida em que, com sua prática pautada em objetivos de aprendizagem e não apenas procedimentos normativos de conferição de notas para elaboração de pareceres, boletins, etc. auxiliem o professor a desenvolver sua ação, e depois reflitam sobre ela (baseado nas analises das avaliações) e planejem sua próxima ação, sempre estimulando as potencialidades apresentadas como auxiliar nas fragilidades surgidas.

Ainda é necessário muito estudo e formação sobre a temática avaliação. E muitas aprendizagens só são consolidadas em sua efetiva prática. Aonde cada professor vai se desenvolvendo nas ações diárias do trabalho escolar. Além de aprender por experiências próprias, também se evolui “compartilhando novas experiências com os outros, porque nos sentimos fortalecidos, apoiados [...]. Mas, sobretudo, aprende-se ao ‘perceber o novo’ como uma opção melhor” (HOFFMANN, 2008, p.30). Uma mudança permanente não vai ocorrer repentinamente com decretos de novas formas de se realizar a avaliação, mas na elaboração gradativa, onde o primeiro passo deve partir dos próprios professores, sentindo a necessidade de uma reformulação, em busca de aperfeiçoar sua atuação, pensando na sua evolução e na dos estudantes.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A avaliação deve ser entendida como um processo que ocorre de forma contínua, não como uma etapa que finda um período de estudo e tem como principal objetivo atribuir notas. Quando ela ocorre com esse objetivo, ela torna-se um subsídio em benefício do professor, na medida em que fornece informações consistentes sobre como está ocorrendo a aprendizagem e fornecer um feedback do que é proposto em aula. Se está de acordo com o entendimento dos educandos, se estes estão tendo alguma dificuldade ao realizar o que é proposto e servir como uma base para que o professor planeje seus próximos passos.

Quando ela ocorre de forma isolada, com o objetivo de analisar resultados finais, ela perde sua função de mediar e auxiliar o professor. Por apenas fornecer dados subjetivos que não levam em consideração as individualidades e especificidades que se apresentam durante todo o percurso educativo.

**REFERÊNCIAS**

BERWANGER, Carla. Avaliação e Exame: Uma Ideologia de Semelhanças e Distinções. In: LAUSCHNER, Rosilei Heck (org.) **Reflexões pedagógicas no início do século XXI.** Passo Fundo: IMED, 2011. p. 41- 47.

DEPRESBITERIS, Lea. Avaliação da aprendizagem – Revendo conceitos e posições**.** In: SOUSA, Clarilza Prado de (org). **Avaliação do rendimento escolar.** 7. ed. Campinas: Papirus, 1991. p.51-76

ESTEBAN, Maria Teresa. A avaliação no cotidiano escolar.In: ESTEBAN, Maria Teresa (org). **Avaliação:** uma prática em busca de novos sentidos. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 7-28.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação na pré-escola:** um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 1996.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. 23.ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

HOFFMANN,Jussara Maria Lerch. **Avaliar:** respeitar primeiro, educar depois. Porto Alegre: Mediação, 2008.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação:** mito e desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2010.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliar para promover:** as setas do caminho. 15. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

HOFFMANN,Jussara Maria Lerch. **Avaliação e Educação Infantil:** um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. 20. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

JARAUTA, Beatriz; IMBERNÓN, Francisco (orgs). **Pensando no futuro da educação:** uma nova escola para o século XXII. Porto Alegre: Penso, 2015.

JORBA, Jaume; SANMARTÍ, Neus. A função pedagógica da avaliação. In: BALLESTER, Margarita et al. **Avaliação como apoio à aprendizagem.** Tradução de Valéria Campos. Porto Alegre: Artmed, 2003 p. 23-45

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LÜDKE, Menga; MEDIANO, Zélia. (coords.) **Avaliação na escola de 1º grau:** uma análise sociológica. 4. ed. Campinas: Papirus, 1997.

MÉNDEZ, Juan Manuel Álvarez. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir.** Tradução de Magda Schwartzhaupt Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

PARCERISA, Artur. Introdução. In: BALLESTER, Margarita et al. **Avaliação como apoio à aprendizagem.** Tradução de Valéria Campos. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 11-13

SOUSA, Clarilza Prado de. Avaliação do rendimento escolar – Sedimentação de significados.In: SOUSA, Clarilza Prado de (org). **Avaliação do rendimento escolar**. 7. ed. Campinas: Papirus, 1991. p.143-150

1. Acadêmica do 8º semestre do curso de pedagogia da UCEFF. E-mail: sueli.junges2hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Coordenadora do curso de pedagogia da UCEFF e orientadora do projeto. E-mail: pedagogia.itapiranga@uceff.edu.br [↑](#footnote-ref-2)